



António José Belo, poeta artesão



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO

À Defesa da Nação

Estas quadras são por bem
São feitas, são dedicadas
À defesa da Nação
E aos ramos das Forças Armadas

A Guarda Republicana
É uma corporação
Presta serviço à Nação
Mesmo vestida à paisana
Com o cavalo amazona
Nas estradas, no pinhal
E nas quadras do Natal
Também nas do Ano Novo
fazem bem a todo o povo
Estas quadras são por bem.

Ao serviço de Portugal
Por também ser das primeiras
Aeroportos e fronteiras
Cabem à guarda Fiscal
E a Guarda Florestal
Essa defende as caçadas
Algumas aves, coitadas
Pobres delas que seria
Com armas de pontaria
São feitas, são dedicadas.

Marinha e Força Aérea
São, pois, de considerar
Tanto defendem no ar
Como no mar e na terra
Quando em tempos de guerra
E o Exército em posição
Fazem uma união
E O Governo a seu lado
Fica um bloco fechado
Em defesa da Nação

Polícia Judiciária
Também a de segurança
Fazem uma alinça
Muito extraordinária
Os Bombeiros são p'rá área
Do fogo e terras queimadas
Nas horas amarguradas
São dignos de registar
Cada um no seu lugar
Ramos das Forças Armadas



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO

Homem de Sabedoria

**Sou homem de sabedoria
Entendo os direitos da lei
Sem ser tropa fui capitão
Vejam senhores ao que cheguei**

Sem enxada fui cavador
Sem bater ferro fui ferreiro
Sem mestre fui sapateiro
Sem aprender fui pintor
Sem redes fui pescador
Nas praias da Trafaria
Sem caneta escrevia
Sem emprego fui empregado
Já sei de tudo um bocado
Sou homem de sabedoria

Sem mulheres vivo no fado
Sem instrução fui militar
Fui alfaiate sem talhar
Sem namorar fui casado
Sem padrinho fui baptizado
Sem ser padre missa cantei
Sem livros eu estudei
Sem exames fui professor
Sem saber ler fui doutor
Entendo os direitos da lei

Sem navios fui navegante
Sem comboios fui revisor
Sem cantar fui cantador
Sem vender fui negociante
Sem fábricas fui fabricante
Sem te ver te namorei
Sem braços te abracei
Fui carreiro sem saber
Fui Ministro sem poder
Vejam senhores ao que cheguei



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO

O que eu fui

Fui poeta e romancista
Fui artesão, fui pintor
Alguns tempos fui fadista
Também fui trabalhador

Levei a vida a cantar
Em festas e romarias,
Passava noites e dias
Às vezes sem descansar
São tempos para recordar
Enquanto um homem exista
Não há recinto nem pista
Que eu não dançasse o tango
Fui bailador de fandango
Fui poeta e romancista

Fui serrador de madeiras
Trabalho duro e pesado
Mas também cantava o fado
Em festas arraiais e feiras
Eu fazia brincadeiras
E obras de grande valor
Várias vezes fui autor
Fiz desenhos e pinturas
Fazia caricaturas
Fui artesão, fui pintor.

Quando era rapazola
São coisas para não esquecer
Eu aprendi a escrever
Sem nunca ter ido à Escola
Fui tocador de viola
Bandolim e guitarrista
Na qualidade de artista
Muitas coisas disse e fiz
Mas sempre me senti feliz
Nos tempos que fui fadista.

Enquanto Mundo for Mundo
E saibamos dividir
Dá para cantar e rir
O tempo chega para tudo
Fiz o trabalho mais rude
Fiz histórias, fui historiador
De folclore ensaiador
Para pazes, fiz uma ermida
Fiz tantas coisas na vida
Também fui trabalhador



O POETA O POETA O POETA O POETA O POETA
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO O POETA ARTESÃO



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO



ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO

O do Bombo é que não

Só o do bombo é que não
Só o do bombo é que não
Só o do bombo é que não
Só o do bombo é que não

Uma música regimental
Do 22 de Infantaria
Foram a uma freguesia
Tocar a um arraial
Também foram à capital
Ó que linda povoação
Veio o festeiro com um charão
Oferecendo um bolicho
Todos o bicho
Só o do bombo é que não

Quando à cidade chegaram
A família era assim
As moças a mim a mim
Para os músicos tocaram
Eles logo lhes perguntaram
Se era mais do que um tostão
Elas disseram que não
Ainda acima lhe agradeceram
Por fim todos comeram
Só o do bombo é que não

À entrega dos papéis
Já nenhum era feliz
Alguns traziam verniz
Até nas unhas dos pés
Os músicos já eram dez
Com certa conversação
Sentiam uma impressão
Ia tudo incomodado
Até o mestre levava gado
Só o do bombo é que não

Quando chegaram ao quartel
O do bombo deixou-se rir
De os ver andar a fugir
Dando voltas ao farnel
Assinado pelo Coronel
Dirigidos ao cirurgião
Foram fazer operação
Ao quartel general
Foram todos para o hospital
Só o do bombo é que não.





O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO

Nisa, vila alentejana

Nisa, Vila Alentejana
O teu povo é de louvar.
Quem lá passa não se engana
Com desejos de voltar.

Com as tuas freguesias
É formado um império
Só lhe falta o Ministério
Para leis todos os dias
Tens as tuas Companhias
Da Guarda Republicana
Quando na sua caravana
Saúdam seja quam for
Todos dizem com amor
Nisa, Vila Alentejana.

Concelho de segunda ordem
De terceira é fiscal,
A Comarca é igual...
Isto se bem se recordam.
De manhã todos acordam
Para a vida enfrentar
Esta alegria sem par
Que a gente de Nisa tem
Dizem todos, quem cá vem
O teu povo é de louvar.

Teus campos são um jardim
Quando a giesta tem flor
Vai p'ró rio o pescador...
A vida lá é assim
Tua beleza sem fim...
Tens atletas e gincanas
Nisa, vila arraiana,
Assim se lhe pode chamar
Situada num lugar
Quem lá passa não se engana.

Do cimo da fortaleza
Se avista o teu hospital
A Câmara Municipal
E o Asilo, concerteza
Esta vila portuguesa
Pérola de quem te olhar
Os teus lábios de encantar
Dão um beijo a quem passa
Enchem a todos de graça
Com desejos de voltar.



O POETA O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO ARTESÃO



O POETA O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO ARTESÃO



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO

O meu fato

Já tenho fato p'rá festa
Tenho outro p'rá semana
Eu tenho um fato de banho
E ainda o fato da cama

Tenho umas meias sem canos
Sapatos sem calcanhar
Para quando me vou deitar
Um chinelas sem pano
Um calças por engano
Já sem estopa nem aresta
É tudo o que me resta
Para brincar ao Carnaval
Para a Páscoa e Natal
Já tenho fato p'rá festa

A camisa de flanela
Foi-me oferecida p'rá tropa
Eu tenho um par de botas
Uma é preta outra amarela
Tenho um cinto sem fivela
Que faço muito empenho
Tanto fato que eu tenho
Nenhum por mim foi provado
Todo roto e esburacado
Eu tenho um fato de banho

Um chapéu de copa alta
Com a fita cor-de-rosa
Que eu apanhei na lixosa
Por me fazer muita falata
Um plover que ressalta
Com rosas à Mexicana
Eu tenho uma canadiana
Com pouco pêlo na gola
Um fato p'rá jogar à bola
Tenho outro p'rá semana

Tenho casacos usados
E tenho um bom blusão
Eu tenho lenços de mão
Alguns já aproveitados
Capotes apresentados
Tenho dois e um pijama
Tenho gravatas de fama
Tenho um fato que mederam
E outro que não quiseram
E ainda o fato da cama.



De Espada na Mão

De espada sempre na mão
Passo alegre a vida minha
Em vendo sopeiras boas
Meto a espada na bainha

Quando o povo quiser castanha
E os superiores me dão ordem
Até macacos me mordem
Para armar qualquer campanha
O pagode é que apanha
Que vai até de rebolão
É um enorme paulão
Que alguém ousa afiançar
Mas que eu nunca deixe de andar
De espada sempre na mão

Sempre que estou de ordenanças
De luvas brancas e calção
Com a minha espada então
Faço mais de mil mudanças
Faço as minhas alianças
Com a minha espada branquinha
É comprida e lisinha
Mato com ela os desejos
E com ela faço manejos
Passo a alegre a vida minha

Se estou na formatura
E às vezes não posso olhar
Vejo a sopeira
Passar
Ou ela se me afigura
De espada à cintura
Passeio toda a Lisboa
Bairro Alto e Madragoa
São dois bairros divertidos
Não me importo de castigos
Em vendo sopeiras boas

Em tal caso mudo o caso
A minha comprida espada
É doce como a marmelada
E não dá tempo de prazo
Em promessas não me atraso
Arrisco-me a qualquer festinha
Em vendo uma sopeirinha
Até me tenta o diacho
Mas em vez de dar p'ra baixo
Meto a espada na bainha



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO

Rimas (antigas) de Montalvão

Ó que varanda tão alta
Rodeada de tijelas
Quem anda cego de amores
P'ra que bebe tanto caldo?

No cimo daquele cabeça
Tem o meu pai uma eira
Deu-lhe o vento de Lisboa
Cobriu-se o mar de palhas

Ferros velhos, ferros novos
Todos vão p'ra ferraria
Estas meninas de agora
São a peste para os ratos

Naquela casa se fez
A festa do meu casamento
Já muito anos se passaram
Ainda hoje cheira a arroz-doce.





O POETA ARTESÃO
ANTÔNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO

O botão de rosa

Que lindo botão de rosa
Aquela roseira tem
De baixo não se lhe chega
Acima não vai ninguém

No muro de uma vivenda
Está uma jovem sentada
Prazenteira e descuidada
Comendo a sua merenda
Usava saias de renda
A rapariga formosa
Mas era tão graciosa
E por baixo o namorado
Dizia entusiasmado:
Que lindo botão de rosa!

A jovem não reparava
Na testemunha indiscreta
Olhando o prado quieta
Com gosto a broa trincava
Mas o rapaz que olhava
E analisava também
Os encantos do seu bem
E murmurava baixinho:
Olha que tanto espinho
Aquela roseira tem!

Por fim a mocinha linda
O rapaz intruso viu
Mas disfarçou e fingiu
Não o ter topado ainda
A merenda estava linda
Mas ela não se conchega
Entre a posição de pega
Ele diz todo airoso:
Aquele botão formoso
De baixo não se lhe chega!

Ela ouviu isto e com ronha
Sorrindo pouco se ensaia
Ainda mais ergueu a saia
Fingindo não ter vergonha
Numa enrascação medonha
O rapaz cora, porém
Ela o riso não sustém
E olhou para baixo trocista:
Goza meu amor com a vista
Mas acima não vai ninguém!



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO



O POETA O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO ARTESÃO

**Quadras de outros tempos que se cantavam
de improviso em Montalvão (despiques e desfolhadas)**

Os olhos daquela aquela
Os olhos daquela ali
Ou tu lhe tens amizade
Ou ela te a tem a ti

O padre quando namora
Namora com a mão na coroa
Namora padre, namora
Porque Deus tudo perdoa

Minha mãe quando me bate
Bate com os pés no sobrado
Era melhor que me desse
Fatias de pão torrado

Linda vila é a do Pego
No Pego é que eu vivi
Tão longe é daqui ao Pego
Como é do Pego aqui.

Laramjeira do pé d'oiro
Deita raminhos de prata
Menina dá os teus olhos
A quem por eles se mata

A Guarda Republicana
Goza mais que o lavrador
De Inverno não vai à chuva
De Verão não vai ao calor

Fui passear ao Inferno
O que lá vi achei graça
Só lá vi velhas sem dentes
E seres de outra raça

Um gateiro foi à missa
Mas não sabia rezar
Andava de santo em santo
"Quem tem loiça p'r amanhar?"

Eu sou soldadinho novo
Em Vila Nova de Gaia
Tenho a minha praça assente
Na barra da tua saia

Estando o noivo mais a noiva
Sentados no cadeirão
Diz a noiva para o noivo
Já cá tenho um ganha-pão.

És clara como o leite
Trigueira como atum
És como o arroz sem sal
Que não tem gosto nenhum

Esta noite sonhei eu
A outra sonhado tinha
Que estava na tua cama
Acordei estava na minha

O vinho é coisa santa
Que nasce da cepa torta
A alguns faz perder o tino
A outros errar a porta.

Venho de Penamacor
Vou para pena Garcia
Eu ando de pena em pena
Por tua causa Maria

Menina das sete saias
Todas sete de veludo
mas no fim das sete saias
Está um bicho... ponto e vírgula

À minha porta faz lama
À tua um lamaceiro
Quando falares em mim
Olha para ti primeiro

O moleiro mais a moleira
Foram ambos ao moinho
Armaram-se de razões
Voltaram-se do caminho

Não me atires com pedrinhas
Que eu estou a lavar a louça
Atira-me com beijinhos
Com que a minha mãe não ouça



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO

Modos de falar na região

Mulheres e molhos em Nisa

"Em Nisa, algumas pessoas eram muito agarradas à pronúncia da sua terra empregando muitas vezes o "é" em troca com o "a" e, assim, em vez de relaxado diziam "relaxédo", "molhédo" em vez de molhado e "seéra" em vez de seara.

Em tempos, hospedou-se numa pensão desta vila, um senhor que não estava familiarizado com a pronúncia da terra. Durante o jantar, a criada de mesa, uma rapariga com os seus 19 anos de idade, muito prática e desembaraçada noseu trabalho, serviu em dada altura o segundo prato e retirou-se imediatamente.

Mas, ao sair da sala, lembrou-se que mais alguma coisa era preciso para o hóspede e, de repente voltou atrás e diz para o cavalheiro: " O senhor gosta de molhé?"

O hóspede olhou para a rapariga, num olhar fixo, e não disse nada; a rapariga, com a sua beleza a ressaltar à superfície do rosto, insistiu: "vá, diga lá se gosta de molhé". O cavalheiro poisou o garfo e disse-lhe com palavras meigas, "pois gosto, então não havia de gostar de mulher, menina". A rapariga pôs-lhe, então, mais uma concha de molho no prato e foi-se embora. Por causa daquela confusão de palavras, o hóspede já lhe não assentou bem o jantar e teve que tomar um comprimido para dormir. E tudo porque a criada em vez de dizer "molhar" (relativo a molho), disse "molhé" (que se confunde, na pronúncia, com mulher. Em Nisa, também se confunde muito o termo "isto" com a palavra "isso". Esta confusão é extensiva até às pessoas mais cultas.



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO

**Quadras de outros tempos que se cantavam
de improviso em Montalvão (despiques e desfolhadas)**

Abalei da minha terra
Olhei para trás chorando
Adeus terra da minha alma
Tão longe me estás ficando

Acipreste não se rega
Tem a água na raiz
Não digas que me deixaste
Fui eu que não te quis

Anda cá para os meus braços
Se tu, vida, queres ter
Que os meus braços dão saúde
A quem está para morrer

Anda cá ventinho Norte
A espalhar o que está junto
Estas meninas de agora
Têm pouco querem muito

Anda lá para diante
Não te pares no caminho
Quem vai para amar amores
Não vai tão devagarinho

A água corre ao abaixo
Para cima não faz corrente
Meu amor se está zangado
Eu também não estou contente

A água que vem da serra
Pelos canos vem à cidade
O amor fora da terra
É dobrada a saudade

Aguardente e vinho tinto
Aguardente é minha jóia
O vinho me dá calor
Quando ando na rambóia

Ai de mim que estou nas malvas
A cair para as urtigas
Já perdi o Norte à terra
E amor às raparigas

Ainda que tu me deixes
Não te perco a afeição
Porque podes enviivar
E vires para a minha mão

O alecrim da ribeira
Quando reverdece, chora
Muita falta tem de amor
Quem dum primo se namora

O Alentejo não tem sombra
Senão a que vem do céu
Encosta-te aqui amor
À sombra do meu chapéu

Algum dia para te ver
Morria para te falar
Agora nem ver-te posso
Nem ouvir-te nomear

Algum dia para te ver
Saltava trinta quintais
Agora para te não ver
Já salto trinta ou mais

O amor, como o dinheiro
Não pode andar encoberto
O dinheiro é chocalheiro
E o amor desinquieta

Os amores da azeitona
São como o milho miúdo
Quando se acaba a azeitona
Lá vão amores lá vai tudo

Amores que se não vêm
Senão de meses a meses
Ainda se lhe quer mais bem
Por se verem menos vezes

Ó Ana três vezes Ana
Maria só uma vez
Vale mais uma vez Maria
Do que Ana todas três



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO

**Quadras de outros tempos que se cantavam
de improviso em Montalvão (despiques e desfolhadas)**

António bonito nome
Quem foi a tua madrinha?
Quem foi a dita pessoa
Que tanto amor te tinha?

António é nome santo
Santo é nosso Senhor
Se o António fora Santo
Tinha um santo amor

António eras um cravo
Quando eras pequenino
Agoras estás desmaiado
Como a flor do rosmaninho

Os Antónios todos são
Teimosos a namorar
Eu sou menina teimosa
Com o António hei-de casar

Assenta-te aqui amor
Na pedra da lealdade
Tua mãe diz mal de mim
Maue amor fala Verdade

Assenta-te aqui cunhada
Eu numa pedra e tu noutra
Aqui choraremos ambos
A nossa ventura é pouca

Atirei um tiro ao jáfo
Não sei como o não matei
Toda a gente se admira
Das voltas que o jáfo deu

Azeitona já está preta
Já se pode armar aos tordos
Não sei quem pode deixar
Amores velhos para novos

Azinheira ramalhuda
Já o brio te corta a rama
Tu que és o meu amor
Já te não livras da fama

O baile anda bonito
Mas para mim já não tem graça
Falta cá o meu amor
O meu raminho de salsa

Cantando ando regando
O pe a todas as flores
Ai de mim que ando amando
A quem tem outros amores

O cantar à meia-noite
É um cantarexcelente
Acorda quem está dormindo
E alegre quem está doente

Cantigas são variedades
São vozes leva-as o vento
Quem toma amor por cantigas
Tem fraco entendimento.

Chamaste ao meu pai coxo
À minha mãe corcovada
Retira-te do caminho
Deixa passar a jangada

Ó chapéu cor de canela
Olha que te leva o vento
Por causa desse chapéu
Namorei antes do tempo

O chapéu do meu amor
Tem uma queda bonita
Quer dum lado qüer do outro
Sempre do meu jeito fica

Chora a casada de penas
E a viúva por não ter
A solteira sempre diz
Não acredito sem ver

Chove água miudinha
Não sei de onde ela vem
Não sei se é dos teus olhos
Se é dos de mais alguém.





O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO

Modos de falar na região

...E sobre o de Alpalhão

Em Alpalhão, uma freguesia que pertence ao concelho de Nisa, as palavras a acabar em "sa", pronunciavam-se como se terminassem em "sim" e, deste modo, podia ouvir-se este diálogo em Alpalhão: -

Hoje há missim? --

**Cudocá. -- É na igreja
Matrigim? -- Cudoqué.**

Na mesma vila houve um casamento de pessoas humildes e pobres, mas em que os padrinhos eram ricos. Após o casamento, o padrinho chamou o afilhado e perguntou-lhe: Afilhado, tenho para te dar de fogaça um pouco de trigo ou pouco de gado, agora tu escolhes. O afilhado respondeu que **"antes queria trigo cagado"**.



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO

Modos de falar na região

Falar do Pé da Serra

Pé da Serra é uma freguesia que fica situada num local onde não se vê nascer nem pôr o sol, com uma encosta a Nascente e a serra de São Miguel pelo Poente. Aqui também se trocava o "ão" pelo "im". Em vez de tão grande, dizia-se **"tim grande"**; tão lindo dizia-se "tim lindo". Os habitantes vivem e fazem a sua vida normal vendo apenas o Sol durante três quartos do dia e pouco mais. Então um dia, dois compadres e amigos tiveram necessidade de ir a Montalvão, que fica situado num alto, a cerca de 9 Km, por atalhos, que naquele tempo não havia estradas, e ficaram muito admirados ao ver já em Espanha a Serra de São Tiago, que fica a cerca de 35 Km de distância, dizendo um para o outro: **"Ai mãe...**

Então o mundo é tim grande!

Olha lá já da onde a gente vem e ainda o que para além se avista". Anos depois a gente desta freguesia elevou-se no campo da ciência e de toda a vida cultural.

Curiosidade sobre o falar da Póvoa...

Póvoa e Meadas é uma freguesia que pertence ao concelho de Castelo de Vide. Está a 12 Km de distância desta localidade e a 10 Km de Montalvão que pertence ao concelho de Nisa. Aqui, em Póvoa e Meadas viviam duas irmãs, uma com 17 e a outra com 7 anos de idade, respectivamente. A mais velha disse para a mais nova. "A gente não pede e não aceita tudo o que nos dão para não fazer figura de malcriada". Não demorou muito a chegar uma senhora que ofereceu uma laranja à menina de 7 anos e, para que a irmã lhe não ralhasse, a pequena foi-lhe perguntar, dizendo: **"Oh mana Marisei dão-me uma laranja, tu quesca cête?"**.

Estes os costumes em Póvoa e Meadas.



O POETA O POETA O POETA O POETA O POETA
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA O POETA O POETA O POETA O POETA

**Quadras de outros tempos que se cantavam
de improviso em Montalvão (despiques e desfolhadas)**

Choveu água miudinha
Por cima do arvoredado
Oh que linda mocidade
Quem o soubera mais cedo!

O comboio de Vila Velha
O maquinista chorava
Acabou-se-lhe o carvão
O comboio já não andava

Coração não andes triste
Anda alegre se puderes
Ainda te há-de vir à mão
O coração que tu queres

O craveiro da minha sogra
Só dois cravos é que deu
Toda a gente tem inveja
Do mais lindo ser o meu

Cravo roxo à janela
É sinal de casamento
Menina recolhe o cravo
Que o casar ainda tem tempo.

No cume daquela serra
Nasceu lá uma roseira
Quanto mais as rosas abrem
Mais tudo no cume cheira

Dá-me vontade de rir
A graça que Deus te deu
Ou tu queiras ou não queiras
Tudo quanto tens é meu

Deitei-me a dormir um sono
Ao pé da água que corre
Uma voz ouvi dizer
Quem tem amores mão dorme

Dizem que o verde é galo
E o encarnado também
És a cara mais bonita
Que o mundo para mim tem

És clara como o leite
Corada como a romã
Palavras tantas tu queiras
Mas casar contigo não.

À porta do meu amor
Não se pode namorar
De dia velhas ao sol
De noite cães a ladrar

Por cima se ceifa o trigo
Por baixo fica o restolho
Ó menina não te fies
No rapaz que pisca o olho

Passei pela tua porta
Pus a mão na fechadura
Veio de lá o teu pai
- Ah ladrão que te capo!

Quando fui tirar sortes
Pus o pé na tabuinha
Logo o meu coração disse
Número um. Vai prá Marinha

Quatrocentos alfaiates
Todos postos em campanha
Com agulhas e tesouras
Para matar uma aranha

Quem me dera em Malpica
À porta de uma taberna
Para ver as Malpiqueiras
Com a saia à meia perna

Trigo louro, trigo louro
Trigo da cana amarela
À sombra do trigo louro
Namorei uma donzela

O tocador de harmónio
Precisa de uma gravata
Hei-de-lha fazer bem fina
Do rabo da nossa gata



O Avião de Carreira

Montalvão tem o formato
De um avião de carreira
No castelo vai o piloto
Quase a chegar à fronteira

Com as suas asas bem formadas
Das Almas ao S. João
A Corredoura é a cauda
O Outeiro o coração

Bernardino e Santo André
São as bóias de apoiar
Porque este avião é
Dos que poisam no mar

Este conjunto de ruas
Faz esta transformação
Ruas Direitas e do Cabo
O cimo do avião

Quem conhecer Montalvão
Verá que isto é verdade
A forma de um avião
Mesmo quando está parado



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO



O POETA ARTESÃO
ANTÔNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO

António José Belo **Memória que o tempo não apaga**

Foi um homem multifacetado, o ti António José Belo. Natural de Montalvão, morreu em Nisa, (" Nisa, terra alentejana / O teu povo é de louvar / Quem lá passa não se engana / Com desejos de voltar") com 90 anos, no dia 25 de Junho de 2002.

António José Belo, foi um homem de intervenção, dedicado a uma causa, a da cultura popular, em favor da sua terra, do seu "tchon", que ele cantou e divulgou de modo admirável, num tempo em que os apoios, aos mais diversos níveis, eram irrisórios, e em que a força do querer, a "carolice" e o amor ao chão pátrio, removiam montanhas, transformando os sonhos em realidade.

António José Belo, foi, inquestionavelmente, um homem de sonhos e de horizontes vastos, que não se confinavam ao seu "avião de carreira" (desenho com o qual identificou as formas de Montalvão) . Voava e viajava, vezes sem conta, em viagens quase permanentes, através da poesia (as populares quadras e décimas), das figuras que esculpia num pedaço de madeira, a que dava formas bizarras ou de que aproveitava os contornos, mantendo a simbologia bruta e original, extraída da terra. Artesão, músico, apresentador de espectáculos, construtor de cenários e de peças de teatro, animador cultural, etnógrafo, nada do que se relacionasse com o seu "Montalvão querido" lhe passava à margem. O movimento associativo do Monte Alvão e das terras vizinhas muito lhe ficou devendo e a história cultural daquele rincão raiano foi, durante a maior parte do século passado, escrita pelo punho e pelas iniciativas que tinham a "marca" de António José Belo. Este artista popular, escreveu um livro, terá plantado árvores sem conto, foi carvoeiro, alfaiate, alimentou durante muitos anos na sua terra, a chama da cultura. Promoveu, com reduzidos meios, mas com uma dinâmica extraordinária, formas de participação colectiva dos seus conterrâneos, fossem elas feitas através da música, do teatro, do rancho folclórico, dos saraus artísticos. Aliava, à sua propensão para as artes, uma jovialidade e frescura de espírito, que manteve até final da sua vida. Algumas das décimas, como as que a seguir, reproduzimos, revelam, essa fina particularidade do seu carácter, que tinham apenas, como finalidade, provocar o humor saudável e a boa disposição. As poesias brejeiras, as curiosidades e as histórias com sotaque regional, que deixou no seu livro, ajudam a compreender o homem e a época, e são um contributo inestimável quando se procurar concretizar a ideia de uma monografia de Montalvão. Morreu o homem, o artista popular. Para que outros possam seguir o exemplo, fica o registo de uma vida e de uma memória que não se apaga.



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO



O POETA ARTESÃO
ANTÔNIO JOSÉ BELA
O POETA ARTESÃO



O POETA ARTESÃO
ANTÓNIO JOSÉ BELO
O POETA ARTESÃO